



O Gaiato

Avença



Visado pela Censura do Porto

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Ano VI - N.º 132
Preço 1\$00

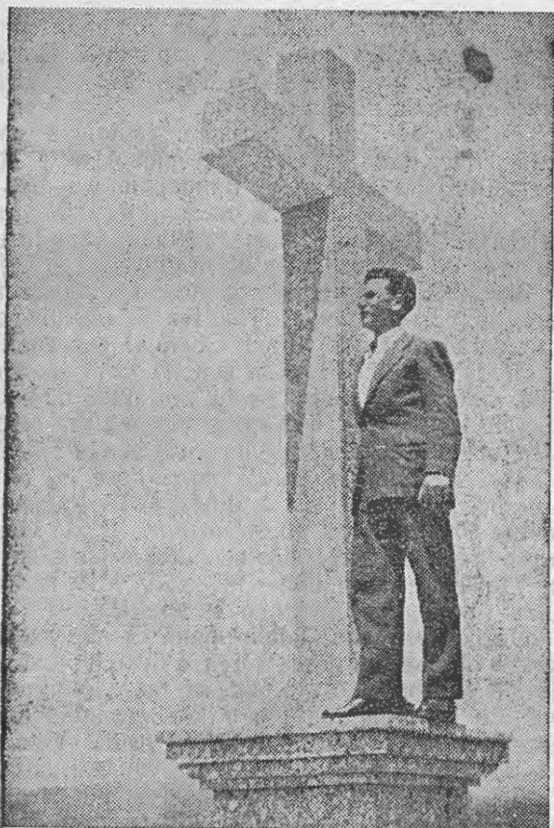
Redação, Administração e Proprietária — Casa do Galato
PAÇO DE SOUSA

Director e Editor: — Padre Américo
19 de Março de 1949

Comp. e Imp. Tip. Nun'Alvares-R. Santa Catarina, 828-Porto
Vales do Correio para CETE

O Gaiato faz hoje

Cruz — O instrumento da Paz.
Aonde existir o ódio, que ela difunda o amor.
Aonde a ofensa, que ela leve o perdão.
Aonde a discordia, que ela faça a união.
Aonde existir o erro, que ela erga a verdade.
Aonde a duvida, que venha por ela a fé.
No desespero, seja ela a esperança.
Nas trevas, venha a sua luz. Na tristeza, a sua alegria.



Não são minhas estas palavras, mas a adaptação, sim.

Sugeriu-mas esta fotografia d'um rapaz da nossa aldeia, que não sei por que bulas me veio ter à mão. Achei-a tão a propósito, que me não furto dá-la à estampa e fazer dela o número um da ocasião. Hoje faz anos o Gaiato. Faz cinco anos.

A voz da nossa aldeia é a Cruz. A incrível aceitação da nossa Obra, vem pela Cruz. Mesmo aqueles que não acreditam nem esperam nem amam, até esses, digo, é por via daquele Sinal que esperam, que acreditam e que nos amam! Não é de admirar que amanhã dê a própria vida pela doutrina da Cruz, quem antes apostaria em derrubá-la. O que admira é haver infieis que a neguem até ao fim! Perversão!

Este mancebo, veio por duas vezes à nossa aldeia procurar um abrigo que o Mundo lhe não dava. Ele conhece os calaboiços de Cesar.

anos

Tem a experiência das mãos armadas! Veio por duas vezes e à segunda ficou. Ei-lo hoje nos braços da Cruz, a perdoar! E' no perdoar que somos perdoados.

Noutro dia houve um tribunal no Lar dos Pupilos de Coimbra. Tratava-se de um caso sério; talvez expulsar um deles. Levantou-se um e diz: por ora não. Perdoemos. E' no perdoar que mostramos a nossa força.

Não me canso de medir e saborear a formosa atitude deste meu filho, tendo a Cruz por mirante e ao longe, o sol nascente. Não me canso. E' expontanea. Mal sabia ele e eu tão pouco, que poisava para a festa do 5.º aniversário do famoso!

Ele está ali com muita firmeza e com muita dignidade, a pedir ao Mundo que o não engane, se e quando um dia venha a sair deste seu ninho.

E' o que significa aquele seu porte sereno e vistas ao largo. A sua fronte bate nos braços da Cruz. Como ele veio, senhor! Como este moço aqui chegou!! Este e todos. Ele pede aos homens que o aceitem como uma coisa sua. Pede aos chamados grandes e aos influentes, que exerçam o seu poder, servindo. Que não escolham, porque também Deus o não fez; e que comecem por servir os que mais precisam.

E' o que significa aquele seu porte digno e sereno, fronte a bater da Cruz.

Se ele, um dia, saído de sua casa, houver de tornar a comer, sem culpa, o que dantes vomitava; se tal fôr, eu digo em nome da justiça e da verdade, que chegou o fim. Só um batismo de sangue. Que nós já estamos no batismo de sangue! E' pena que conheçamos as estações do ano e não o sinal dos tempos. A Igreja já sangra! Protestamos em nome dos princípios eternos, mas não realizamos consoante. Exemplo:

«Quanto ao José Pinto ninguém aqui sabe nada dele. O próprio carcereiro que lhe dava de comer, nada sabe: nem da família nem do local aonde ele teria vivido «na Régua».

Eis aqui os elementos de uma ficha social. Uma alma! Fosse só esta, mas são legiões!

Sabemos e não realizamos.



O sêlo branco da nossa «Obra». O símbolo, é de pedra de Ançã, sim, mas está ao pé da realidade.

As escadas, dão para o piso superior da Casa-mãe. «Mãe», porque nela se encontra instalado o refeitório geral. Os dez edifícios da aldeia, veem todos ali comer. Oh hora!

Carta aberta

ao Ex.^{mo} Senhor Presidente
da Camara Municipal
do Porto

Não sei que me deu no peito, quando vi na primeira página de *O Comércio* de há dias, a notícia de *O estudo de arranjo e salubridade da zona do Barrêdo*, como assunto e matéria de uma sessão pública da Câmara. Sendo certo que eu deito no caixote tudo quanto aqui vem dar, o numero desse jornal guardei-o numa gavêta: e disse aos cozinheiros que não, quando eles vieram por ele, na forma do costume, — tal o receio de o perder! E' *O Comércio* de 9 de Março do ano em que estamos.

E também não sei nem tenho a palavra adequada para dizer da minha alegria, ao ler que o plano deve ser executado no prazo de 5 anos. Eu tenho que todo o homem de grande poder, deve tomar muito sentido no pecado de omissão. Muitos antecessores de V. Ex.^a fizeram grandes obras na Cidade do Porto e todos omitiram esta!

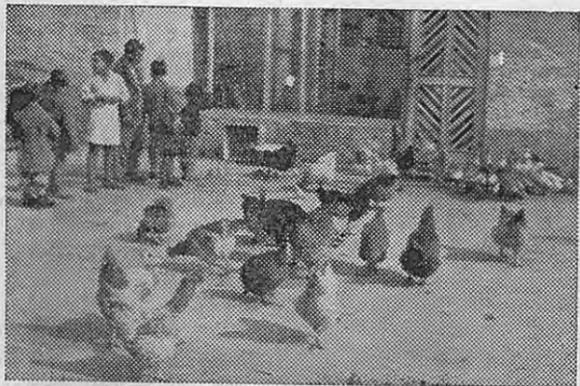
Não são as ocasiões que fazem o homem, mas ajudam. Ajudam a fazê-lo. Muitas vezes, ao passar em Lisboa, pela estátua do Marquez digo com

(Continua na página central)

CRÓNICA DA NOSSA ALDEIA

1 Chegou-nos uma bicicleta novinha em fôlha. E' a segunda bicicleta nova que dão para a casa. Esta veio de Sangalhos. Poucos rapazes é que sabiam que tinha vindo uma bicicleta nova. E quando o Sr. Padre Américo chegou de Lisboa nós dissemos-lhe e ele a primeiro ainda queria levá-la para o quarto dele mas depois sempre cedeu. Tem a marca de «Colossal» e os senhores pela marca devem ver que é uma bicicleta colossal. Não temos palavras que cheguem para agradecer tão grande oferta, é o agradecimento da administração.

2 Agora são ovos. Os dormitórios dos pequenitos também servem para as galinhas pôr ovos há uns dias para cá. Nós, já são dois domingos, que comemos ovos mas como é preciso muito tempo para ajuntar mais, aguardamos que chegue um ovo para cada um.



Aldeia de Paço de Sousa. Muitas destas galinhas, vão pôr seus ovos sobre camas dos dormitórios. E' onde elas querem. A gente até as galinhas respeita!

3 Vimos o Sr. Padre Américo chegar aqui à Administração quasi a chorar. Perguntamos-lhe de que é que estava assim e ele disse-nos: Que mais nenhum assinante queria saber mais da coluna dos cinco mil coluna que deu tanto que falar, e que estes dias só chegam dois ou três que querem pertencer à famosa coluna.

Vamos ver srs. leitores se querem ver o Pai Américo derramar lágrimas que cheguem ao ponto de encher uma bacia! Vamos a ver; não à mais tipografia?

4 Temos recebido muitos livros principalmente de leitura que nós gostamos muito. Agora só faltavam livros para as nossas oficinas e para desenho. Para este último também precisavamos de lápis para desenho, e tudo que consista no mesmo.

5 A nossa máquina de tear já está montada ou quasi montada. O Senhor que a deu vem cá todos os sábados montar, as poucas peças que faltavam e traz dois empregados da sua oficina.

No sábado depois de chegar o sr. que nos ofereceu o tear veio cá outro senhor com uma forgonete e com a peça da máquina que se destina a fazer desenhos sobre o pano. Também já anda um rapaz a aprender e segundo me disseram a máquina já fez um metro de pano mas eu não posso informar os leitores porque não vi pessoalmente o metro de pano, porque a porta estava fechada a chave.

6 Nasceram de uma galinha mais pintainhos. Já é a terceira galinha que tiveram pintainhos.

Agora os garnizés já não estragam as galinhas como diz a senhora da cozinha porque estão presos no aviário.

7 As garnizés do Moreira, puseram muitos ovos e ele agora arranjou uma galinha para os chocar. São mais garnizés que estão para nascer e mais dinheiro que cai para as mãos do Moreira, porque ele fez muito dinheiro com os garnizés e houve muitos senhores que queriam garnizés e no final de contas os garnizés não chegaram para as encomendas.

8 Chegou um canário para o Pirúlas e mais umas coisas. Tão depressa chegou como foi logo fazer companhia a mais um e mais passarada que está no aviário. Sim porque coitadinho do canário com tantos amigos tam

ALFREDO

perto e ia agora estar o pobre sósinho numa gaiola tam pequeninal

Isso era como se ele estivesse numa prisão, assim foi para o aviário que é muito grande.

9 Passou o seu 5.º aniversário o «Famoso». Mas, como não houve tempo, no passado numero de o dizer limitamo-nos hoje a fazê-lo, e dizendo aos nossos leitores que se preparem pois para recebe-lo pois que vão de certo delirar quando o virem pois consta de oito páginas com muitas gravuras.

No nosso numero 106 demos as fotografias dos redactores mas hoje é melhor pois estamos juntos sinal evidente de amizade, e com isto terminamos mais um aniversário do famoso, e esperamos pelo outro.

ALFREDO

UMA CARTA

Aqui vão mais 100\$00. Tinha-os guardados para gastar em meu proveito. Depois que aí fui, convenci-me que era esta a maneira mais proveitosa de os gastar. Gastar, não é bem o termo. Limito-me a pô-los a render, no Banco. Quando aí fui, deixei uma pequena esmola, pequena em relação à Obra, grande em relação à minha bolsa. No dia seguinte, apareceu-me dinheiro de todos os lados. Pessoas que havia muito tempo me deviam dinheiro, lembraram-se todas de me pagar.

Ouvira dizer maravilhas da Obra. Lera maravilhas, vira maravilhas. Fui-me certificar. «Ver para crer». Vi... e acreditei que as palavras não chegam para contar o que há na Casa do Gaiato.

Passei por todos os sentimentos mais humanos.

Aqueles dois rapazes doentes, distraíndo-se a dobrar uma folha de papel, foram a primeira lição. Quando eu estou doente, nada me distrai, nada me satisfaz. Para aqueles, chegava uma folha de papel.

A segunda lição, foi ao ver os que trabalhavam. Tinham as mãos roxas de frio. Alguns tremiam, todos encolhidos, enquanto cavavam ou transportavam a terra. Contudo... «—Tens frio?» — «Não». Resposta pronta, e sincera. Não! Até eu o tinha com toda a roupa que trazia, que sentiam eles? Porque tremiam? Donde lhes vinha o calor?

Percebi-o depois. «—Eu em casa era um ladrão. Aqui trabalho e ando satisfeito». O calor vinha de dentro, da alma.

A 3.ª lição foi notar em todos aqueles com quem falei um conhecimento perfeito da Doutrina. Era uma doutrina compreendida, vivida. O Arouca foi o primeiro a dar-me a novidade:

«A gente ao Domingo também trabalha. Mas é um trabalho que não vai contra o 3.º Mandamento. Está visto que a gente não pode deixar os porcos sem comer, nem os bois sem pastar. Não trabalhamos é nas terras, porque isso já era pecado».

Mais tarde, o Presidente completou a lição. «Eu não quero ser preguiçoso. O Sr. sabe que a preguiça é um pecado mortal. A gente só deve ser preguiçoso nas coisas mal criadas».

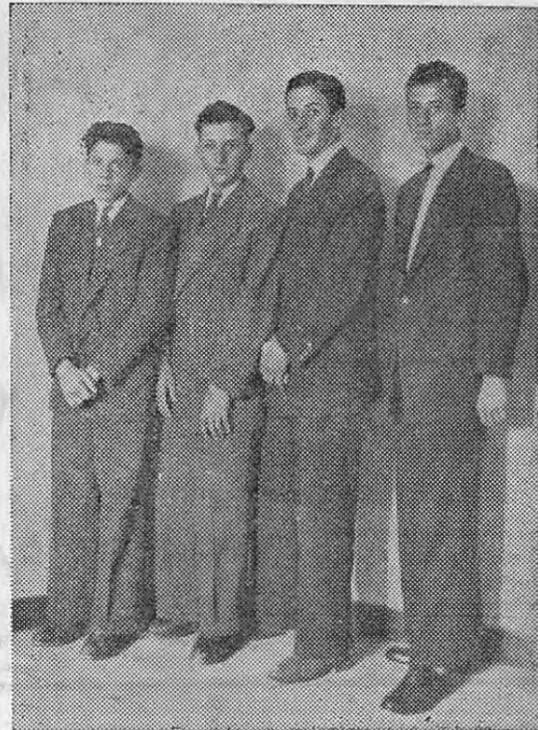
A 4.ª e última lição foi o sentimento do dever que notei em todos. Um minuto de conversa e «O Sr. desculpe mas agora tenho que ir trabalhar».

Estas 4 lições, não se podem pagar com dinheiro. Este que lhe mando vale pelo sacrificio de o dar.

A todo o momento perguntava a mim próprio. Quem fez esta transformação? Quem mudou a alma destes rapazes? E, como?

Ontem uns desordeiros, viciados, hoje trabalhadores, limpos, delicados, carinhosos!

Sai dal silencioso. Silencioso, porque falava a alma, e para a ouvir é preciso silêncio. Contudo, queria gritar. Gritar a todos, ricos e pobres: «Ide ali e vedem».



Eis as colunas do jornal. A começar pelo mais miúdo, temos o Cete, ferro em brasa. A seguir, o Avelino. O senhor doutor Avelino, o pacífico. Vem depois Fernando Cid, o inconsistente. Fecha Alfredo Martins, o pachorrento.

De como nós fomos por aí abaixo até Famalicão

Vila Nova de Famalicão. Não confundir com outros Famalicões que veem no mapa. Era o Morris. Era o Avelino. Era o Cete. Era eu. Era também o nosso Documentário.

Sáimos de casa à tardinha. Jantou-se em Santo Tirso, e às tantas, estávamos à porta do Cinema da vila. Casa cheia. Bandejinha à saída... Foi-se a ver: Por um nada, chegava ós seis. O's seis contos. Mas houve mais e melhor: Uma lista voluntária de 40 assinantes do famoso.

Resultado: Uma noite regalada. Os senhores ficaram a morrer por mais. Não fez falta nenhuma o que deram, aos que deram. Como se conseguiu a entrada na vila? Muito simples. Um senhor de lá, que é assinante, ouviu um apêlo que se fizera no jornal. Leu. Mastigou. Encheu-se. Não posso dormir, dizia-me ele na carta aonde falava do caso. Estou arranjando para você cá vir. E pronto. E fui. E irei a qualquer terra aonde houver *Um que não possa dormir*. E não vou, porque a maior parte dos senhores estão a dormir. Melhor: estão o comer favas!... Mais favas. Muitas favas, e que ninguém se abeira!...

Ora muito bem. Tenho pena de não poder nomear pessoas; a nossa Obra é dos Desconhecidos. Tenho pena. Se o pudesse fazer, o mundo havia de saborear, ao tomar conhecimento dos passos fervorosos do iniciador da visita. Veio a Paço de Sousa falar comigo, deu voltas e voltas na vila, quis que nós jantássemos em sua casa e como não pudéssemos fazer, não nos dispensou de um copo d'água no final. O Avelino, que é o rei dos lambareiros, comia com os olhos. O Cete, esse não sabia por onde havia de começar. No final, veio um cesto e nós trouxemos os restos. Deu para uma merenda dos nossos Batatas.



O Daniel está à sôga. E' o jugo das festas nos bois grandes. Ou o nosso jornal não estivesse em festa!

A NOSSA TIPOGRAFIA

Atrazado . . . 94.600\$00

E de Lisboa. A direcção do P.º Adriano é—*Casa do Gaiato, Tojal.*

E da Covilhã. E de Gaia, por metade. E de Maceira. E dois parafusos entregues aos vendedores. E do Porto. E do Estoril o meu parafuso para a nossa tipografia. E de Lisboa. E de Castelo Branco 150\$00. E de Santarém. E' um casal. Oçam:

Temos, presentemente, uma dificuldade monetária a resolver, mas tanto eu como meu marido não queremos deixar de nos enfileirar nesse grande Cortejo pedindo a Deus que o que hoje tiramos do nosso ordenado possa contribuir para que, mais tarde os nossos rapazes da rua possam, também, ganhar honestamente o seu.

Deus é a inundação. A inundação das almas. E' ver este casal! E de Vila Viçosa; do Seminário de Vila Viçosa—os Seminaristas. Os Professores. Cá se encontram com os de Leiria. Os mais seminários estão a ver no que isto dá. Prudência. Prudenciasinha. E do Porto. E de Guimarães a meia tabela. E Amarante. E Lisboa. Oçam: *Desejava que não fosse preciso mandar outros 100\$00 para nossa tipografia. Não por mim mas pelos que faltarem.*

Este senhor de Lisboa conhece, vive a sua vida. Outra vez o nosso Deus a inundar. Almas cheias de Deus. De onde lhes vem estes conceitos singelos e profundos? Da Luz. *Eu sou a Luz.* E do Tramagal. E de Lisboa; é *Uma.* Oçam: *Queria ter sido a primeira, mas os 100 escudos levaram-me muito tempo a juntar.* Estas coisas não se comentam. São de saborear e nada mais. O verdadeiro gosto delas é de quem passa por elas: *levaram-me muito tempo a juntar!*

Outra vez Lisboa; é outra vez Uma a valer por cinco. Ambas vinham dentro de uma só carta. E de Lisboa. E' uma acção dos Caminhos de Ferro. E do Porto. Ora queiram tornar a ouvir:

Para a vossa tipografia, mais um élo numa cadeia de luta intensa e de grandeza já sem limites, numa cadeia de que esperamos não ver nunca o fim, para a vossa tipografia, dizíamos, aceitai esta autentica «gota no oceano» e desculpai-nos.

Maré cheia. *Grandeza já sem limites.* Por isso mesmo é o oceano que causa e faz estas gotas, e não estas, aquê. E de algures,—*da mãe de um sacerdote.* Quem sabe se o filho também vai noutro sítio da fileira; ela já é tão extensa! Quem sabe? Pois lá se encontrarão. E de Coimbra. E de Tomar. Que um dos Leitores de Tomar diga à Mãe do Bonifácio que eu a amo muito, a ela; tanto mais vou conhecendo o seu filho, quanto mais sinto a separação. E esta minha dor é o amor que eu lhe tenho! E do Porto. *Para ter a honra de ser um dos cinco mil.* Pedir? Nós pedimos alguma coisa a alguém? Não senhor. Nós damos nome, honra, alegria, vida. E' a Pobreza!

E do Porto. Numero 5706 foi aceite o seu pedido. E do Porto: *Os mecanicos da Circunscrição Técnica do Porto dos C. T. T. querem, em conjunto, ser um dos cinco mil;* 112\$00. Pequenas letras, de muitos, formaram esta maravilhosa Palavra. E de Coimbra: *Agora mando metade e no próximo mês vai outro tanto sou uma creada de servir.*

E isto que se segue! E' do Porto. Foi entregue a um vendedor.



A nossa trempe de fazer homens: Capela, Escola, Oficina.

tambem eu quero fazer un sacrificio para entrar nos cinco mil. sou criada de servir não sei se sou a primeira a entrar na culona. mas se sou. Deus queira que não seja a onica

Pasmem, não é bem assim. Eu cuido que os meus leitores, à força de ler e rler, já estão perfeitamente inteirados que do pobre é que sai o auxilio ao pobre. E Lisboa. E de Pedrouços; a Directora do Instituto de Odivelas, convidou 25 soldados e ela também vai. Ela vai à frente. Uma assinante do Porto, fez um peditório em familia, e cá vai com 130\$00. E um grupo de Atougua da Baleia com 120\$. Também este vai. E do Carregal do Sal. E de Lisboa; *meu filho não quer deixar de ser dos 5000.* Mãe e filho conversaram. E' uma familia cristã. E de Chaves. Outra vez de Chaves; ora escutem:

Também foi herdada e não é sem luta que a envio tanto sou apegada aos bens deste mundo. Mas Deus quer-me fazer boa à força, e louvado Ele seja, consultados; o meu marido e filhos todos disseram: mande a libra. Ela aí vai. Peço por favor uma oração por alma de quem m'a deixou.

Será preciso dizer que se trata de um Lar cristão? Mas ele há qualquer coisa no mundo de mais social, mais humano, mais vinculado, do que *uma familia cristã?* De onde poderia sair uma oração tão perfeita? E que tem sido desde o princípio esta coluna, senão um côro de orações, cada uma de seu peito e todas feitas de um mesmo amor? Próquê, é ler mais esta carta. Ora queiram ter o gosto:

Apesar das dificuldades financeiras que atravessamos, não quero que a minha voz deixe de entrar essa melodia celestial para a qual V. nos convidou.

Sou a assinante 11.527. Ao querido «Gaiato» devo uma compreensão mais viva do Evangelho que eu tanto desejava realizar plenamente. Nunca ninguém, nem livro algum me tornou acessível como o «Famoso» o meio de realizar esta minha aspiração.

Quero ver se consigo, ainda mesmo com sacrificio, contribuir para a tipografia dos «nossos» gaiatos.

E de Gaféte. Não conhecia tal nome. E' alentejano. Dá 400\$; *é por caridade que dou, lembrando-me dos 7 filhinhos que tenho.*

Sim senhor. Estou admirado. Admiradíssimo. O Alentejo está-se aproximando! E de Algures, mil escudos!

E uma professora com 20\$00. E de Corte-gaça um senhor a valer por quatro. E de Palmela. A carta diz — *duas Mulheres de Palmela.* Cada uma deu a conta certa e as duas vão na fileira. E de Lisboa. E uma avó de Algures. E do Funchal. E da Povoia de Varzim. E duas libras em oiro que eu descobri sobre a minha mesa de trabalho, embrulhadas num papel, a dizer *para a nossa tipografia.* Quem teria sido?! E dois sacerdotes do Seminário de Gavião. E da Foz do Douro, — *de uma sogra e um genro.* Uma sogra e um genro na bicha! Podem ir muitas sogras e muitos genros e decerto vão, — mas separados. Cada um por sua banda. Mas juntinhos; socios; participantes; só aqui!!

E de Gondomar. E' um Sacerdote. Eu quizerá que fosse no cortejo uma grande representação da Igreja docente. E' para uma tipografia. A palavra escrita vale tanto como a oral. Vale mais, pela facilidade de divulgação. Quizerá Sim. Mais de Vila Flor. E' Uma. E de Cantanhêde. E de S. Gabriel; *também quero ir na bicha.* Pois vai sim senhor. E de Coimbra; este vai em prestações de 20\$00. Muito bem. Os pobres fazem assim. A nossa Obra é para os pobres.

E de Chaves. E Lisboa. E Montemor-o-Velho. E' Uma. E da Covilhã. E de Algures 50\$ *por conta,* como vem a dizer. Outra vez de Algures *os Pais e três filhos.* E' uma familia. Levamos familias. E dos alunos da Escola Soares dos Reis que nos vieram visitar e também querem ingressar — 500\$. E de Vouzela. E Mata do Lobo. E Lisboa. E Luanda. E Mira. E de Setubal. Com a tabela dos cem, vinha esta carta azêda:

Parece-me que a contribuição para a tipografia, está a ir muito devagar, pelo que estou

convencido que uma grande parte dos assinantes do «Gaiato», não o lêem.

E' preciso fazêl'os ler, para que vibrem, como tardiamente eu agora o faço, pois confesso o meu pecado, eu pertencia ao numero daqueles.

Hoje considero-me assinante do «Gaiato» não por esmola, mas compenetrado de que é um dever, que cada um, dentro das suas possibilidades deve colaborar na Sua Obra, que é de todos.

Isto também eu queria, mas quando os senhores querem de outra forma, que posso eu fazer?!

Ora vamos a contas:

Atrazado . . .	94.600\$00
Hoje	11.200\$00
Soma	105.800\$00

Faltam 395 contos.



Estes já ganham o pão com o suor do seu rosto. O Porto conhece-os. Têm lá os seus empregos e suas escolas nocturnas.

Dantes ra a rua.

O nosso jornal

Este nosso quinzenal, estando actualmente a fazer história e tendo de ficar nela, tem necessariamente de participar dos seus elementos: — Altos e baixos. Sucessos e fracassos. Sim e não. E' a contingência.

Quer-se dizer com isto que tendo eu proclamado nestas colunas o nosso sistema de não fazer cobranças, hoje vimos anunciar que sim senhor. Fazemos.

O Júlio da Casa do Porto mai-lo Avelino da de Paço de Sousa, conferenciaram comigo sobre este assunto, do qual muito desejaria alhear-me, mas eles são mais práticos do que eu. Mais positivos. *Comece já a abrir caminho e a preparar os senhores,* foi a iniciativa do Júlio. *São perto de três mil os recibos que estamos fazendo,* comenta o Avelino. *Lá para os meados de Abril, devem estar todos no correio.* E' ainda o Avelino quem esclarece. Estes dois rapazes são o meu prémio de consolação por tantos que não passam da sêpa torta.

Ora muito bem. Demos-lhes ouvidos. Que eles não fiquem a fazer mau juízo de nós. Os recibos vão para a rua.

A maioria deles, diz respeito a três e quatro anos, de sorte que muitos assinantes serão chamados a uma verba de 75\$00 ou 100\$00. E' neste ponto que o Júlio bate, quando me diz: *comece já a abrir caminho.* Isto é, preparar o terreno. Anunciar as más notícias que aí vêm: — O carteiro. O importuno. O recibo a falar em coisas atrazadas. Olha agora!

Eu tinha já aqui um papel com as continhas feitas; eram três mil a multiplicar por setenta e cinco. Tinha sim senhor, mas lembrei-me da Mofina Mendes e botei o papel ó cesto. . . E' o mais seguro. Assim não se engana a gente e tudo quanto venha é lucro. Uma coisa, no entanto, é certo e vem a ser que se todos quantos estão em dívida me quizerem pagar em cheio, temos pago os encargos da tipografia e não é preciso, por mais tempo, o chapusinho na mão. Não é preciso. Ora vamos a ver a sorte que espera o famoso. Vamos ver quem é que verdadeiramente o ama. Espero que não fique tudo num triste três vezes nove. . .!



Era sim. Era Património do Estado. Hoje, é a Casa do Gaiato de Lisboa. E' o Manuel Pedreiro. Está contente. Vê-se pela cara que é um rapaz feliz. Das ruínas que nos confiaram, vamos levantar a vida. Ele sabe, compreende, por isso mesmo se ri.



Outra vez a casa de Miranda à vista; — e que lindas vistas! A creança a dar de comer! Muitas galinhas, muitos ovos, muitos pintainhos; e o embaraço, quando eu lhes pergunto quem é que veio primeiro, — se o ôvo se a galinha!

Carta aberta

Continuação da 1.ª página

os meus botões: Não fôsse ele o terremoto, que não estarias aí!

Naquele tempo e por tal razão, houve a emergência de enterrar mortos. No caso presente, há a necessidade de desenterrar vivos. Estive há dias com um dos meus rapazes em uma dessas moradias, de visita a um doente. Entramos na escuridão. O rapaz declarou que se sentia desmaiar e uma vez cá fora, quer saber se não nos vamos desinfetar! Cheiro que faz desmaiar e pede desinfetantes, que é senão uma sepultura... de vivos?! Vamos a desenterrá-los todos, senhor Dr. Luiz de Pina.

A esperança de me alegrar dentro de casas airoas, com quem tantas vezes tenho chorado no negrume do tuguírio; este sentimento divino, meu senhor, é a única força que me traz aqui. Não tenho outro título. Digo-lho à fé de Quem sirvo. Falo com as mãos no Evangelho.

Toda a escarpa da Sé que V. Ex.^a vê da janela do seu gabinete, é um monte vivo de luz e de lama, por ser habitação de muitas almas. Luz, sim. Exemplo: A mãe de um doente incurável que ali visito, tem de seu um negócio ambulante de molhadas e é dele que sustenta a sua casa. Manhãzinha cêdo vai ao Bolhão, enche o cesto de grelos e aí vai ela, heroína, a bramar de porta em porta, tomando, às vezes, por bom lucro, um molho que sobrou, e coze com batatas; — a única refeição da família, aonde entra o filho doente! E eu como três vezes ó dia. E V. Ex.^a outras tantas. Quanto isto me doi! Não que nós comamos, mas que os mais não tenham o preciso.

E também há lama. Muita lama. Mas essa não a ponho aqui. Baste-nos a nós todos o descontentamento de a sabermos por lá, e também de a conhecermos dentro de nós. Desculpe-me, senhor Doutor de falar assim, mas é verdade.

Se andava enganado desengana-se agora. Muita lama dentro de nós. Pode dizer o mesmo aos quatro vereadores que tomaram parte e aprovaram a proposta de V. Ex.^a de cujos nomes tomei conta. Eles são os felizes participantes da obra. Entram no regosijo espiritual da sua próxima, eu diria imediata realização.

Chegou o tempo de melhorarmos a raça sem fazer racismo. Dar condições de vida a todo o homem que vem ao mundo.

Por ter visto e considerado *Uma Calamidade* esse aglomerado de casas que se estende aos pés da Camara, é que V. Ex.^a acertou, a pontos de *atender de entrada aos casos mais urgentes*, como se lê no corpo da proposta. Deixe-me beijar as suas mãos.



Agora estamos no Tojal; na Casa do Gaiato de Lisboa. Mas o panorama é o mesmo das outras casas. Precisamente o mesmo. Aqui temos a creança a dar de comer. Por de traz, árvores. Arvoredo. Árvores aonde os passarinhos pouzem e cantem e adocem a vida da gente.



Aqui é Coimbra. O Lar do Gaiato de Coimbra. E' no Cídral.

Há dias, tomava eu o pequeno almoço na Suíça. Na Suíça de Lisboa. Gosto de ir ali. Tudo irrepreensível. Um gato andava de mesa em mesa, e todos o requisitavam. Era uma nota alegre. Ora se aqueles senhores e senhoras, cheinhos de tudo, não dispensavam o gato, como podemos nós, que nada temos, dispensar-nos de gatos e de cães—como? Não senhor. Não nos dispensamos.

DE COMO FOI A MIA

Saimos de Paço de Sousa de manhã, fomos comer ao Lar do Porto.

Partimos eram duas e meia, passamos por S. João da Madeira, Oliveira de Azemeis, etc. Chegamos a Coimbra eram quatro horas. Eu fui com o Pai Américo aviar uns recados. Depois fomos ao Cídral, estava lá o Senhor Padre Manuel com o carro da Casa de Miranda.

Partimos para Miranda, era já noite quando lá chegamos. Às sete e meia fomos rezar o terço na Capela da Casa de Miranda, eles tem uma Capela linda; acabado o terço fomos para o refeitório, acabada a refeição fomos para a camarata. Eles tinham umas camas melhores do que as nossas; camas de rede, e as nossas são de ferro.

De manhã partimos, o Pai Américo levou-me a Cominbriga, uma antiga cidade que estava toda enterrada e um senhor de Coimbra mandou desenterrar uma parte; depois fomos, passamos por Condeixa, Leiria, etc. Fomos comer às Caldas da Rainha e foi no Hotel Rosa, muitos senhores, e eu estava cheio de vergonha, mas comi. Eram duas horas quando deixamos as Caldas. Passamos por diversas terras, e eu estava sempre à espera de ver Lisboa. Chegou depois de muito andar. Fomos logo ao Aeroporto ver o avião partir para o Porto. Depois fomos para o Rossio, e enquanto o Pai Américo foi aos Ministérios eu e o Senhor Ernesto atravessamos o Tejo de barco, e quando



Os ceifadores de erva para as nossas vacas. E' na aldeia de Paço de Sousa. Os camponeses; já não é lama; é a terra que lhes dá cor. Eles cheiram a ela. Respiram alegria. O trabalho é uma benção de Deus. Todos os dias, veem alguns pobres postos em necessidade, por um quartilhinho de leite. Eles medem e oferecem o leite. Eles ajudam a viver quem precisa de viver. Os nossos camponeses!

NOTA DA U

Outra vez a tia de um menino. Do Francisco de Casaldelo. Mal lhe cheirou que o rapaz estava colocado no Porto a ganhar 400\$00 por mês, não mais descansou. Notava-se aquela aflição pela insistência do sobrinho em ir à terra ver a sua avó. Sempre que eu aparecia pelo Lar do Porto, aí vinha o Francisco gemer: **Deixe-me ir à terra.** Era a impaciência da família. Era o amor aos quatro centos escudos mensais. E tanto assim é, que o rapaz deliberou fugir e dois dias depois, apresenta-se no Lar, acompanhado da dita pessoa de família, a pedir o dinheiro. Primeiramente pedir. Depois exigir. Por fim ameaçar: **Se v. me não dá o dinheiro do meu sobrinho eu vou chamar o meu marido e v. tem de o pôr ali.**

E se ela soubesse que o seu menino tem na sua conta corrente um saldo credor de perto de 2.000 escudos, então é que havia de fazer barulho à nossa porta! Então é que o amor lhe havia de subir ao peito!!

MINHA IDA A LISBOA

viemos o Pai Américo já lá estava. Dali fomos para o Tojal, era já noite quando lá chegamos.

Eles tem uma quinta muito grande cheia de Oliveiras e laranjeiras.

De manhã foi o Pai Américo para Lisboa. Eu fui de tarde, com o senhor Padre Adriano e o crónista da Casa do Tojal. Encontramos o Pai Américo no Hotel Francfort, fomos dar um passeio, passamos por Caxias, Cascais, Estoril, etc.

Fomos para Sintra ver o palácio e o castelo dos Mouros, ver um convento aonde viveram doze frades, viemos embora: Chegamos a Lisboa o Pai Américo foi para o Hotel e nós fomos para o Tojal. No outro dia vim eu e o Rádio ao Jardim Zoológico, vi lá tanta coisa. Macacos, piriquitos, papagaios, corcodilos, águias, elefantes, porco espinho, ursos, leões, tigres etc.

Quando chegamos ao Tojal era já tarde. Fomos comer, eu pedi ao Senhor Padre Adriano se me deixava andar de Biciclete, andei toda a tarde, e caí também. No outro dia era Domingo, o Pai Américo pedía na Igreja de S. Domingos. Ouvimos lá Missa e o Pai Américo falar. Naquela Igreja rendeu bastante dinheiro. Acabado o peditério viemos para o Tojal. Eram quatro horas quando partimos de lá.

Chegamos a Paço de Sousa de noite. E assim terminou a minha viagem.

O cronista, CETE



Um golpe da nossa vida na casa de Miranda. E' só por eu aqui dizer, que se fica sabendo o sítio, porquanto, em todas as nossas casas de campo, a vida é idêntica. Nós não podemos dispensar a companhia e o cuidado dos animais domésticos. Seríamos uma colmeia sem abelhas!

Do que nós necessitamos

Maria de Lisboa, — sim. Sim senhor. Cá recebemos. Mais 1.500\$ do Flávio. Mais uma bandeira nacional da Foz. O rapaz já foi por ela; o apaixonado. Como eu lhe tivesse dito que havia mais uma na rua Costa Cabral, ele delira com a ideia de possuir uma no seu quarto. Foi assim desde pequeno, este moço. Quando ele fôr às sortes, hei-de recomendá-lo.

Tem, ainda, no seu quarto Carmona e Salazar. Não são Eles; é a Pátria que ele adora. Gosto de ter na obra um filho desta natureza. Pois a anónima de Costa Cabral, pode deixar a bandeira na Rua D. João IV, 682, Lar do Gaiato.

Mais roupas de Alhandra. Mais uma pipa de vinho. Mais 10\$ de Coimbra. Mais 100\$ de Baltar. Mais idem idem.

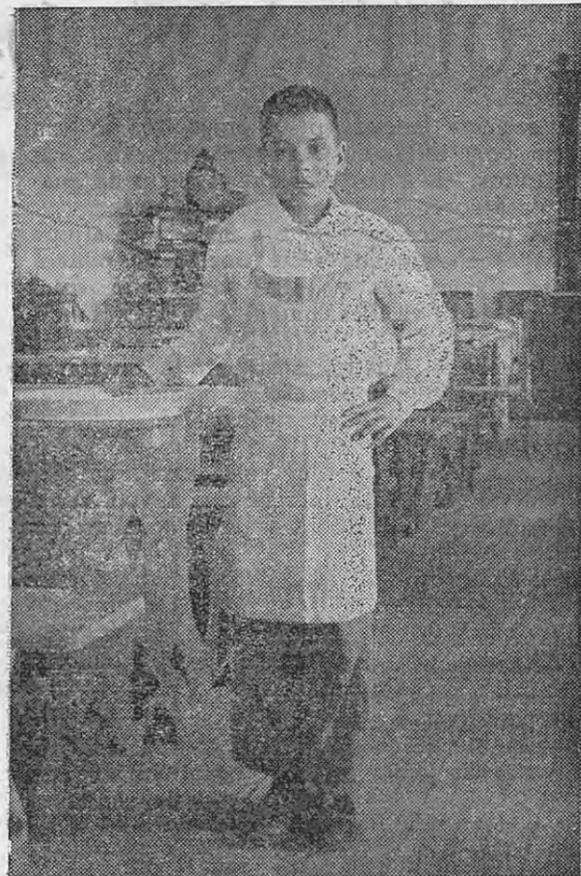
Mais de Moçambique. De Moçambique, sim senhor. Da ilha; dos habitantes da ilha. Alguem levanta ali o pregão da Casa do Gaiato, desata a escovar os senhores e aí vêm três mil escudinhos por cheque. Não são notas; é um cheque. Desta feita, os cambistas não comem nada. E' tudo prá gente. Viva a ilha de Moçambique! E de Meção Frio; são meias. E de Cabaços; é um lençol.

Mais uma bicicleta de Sangalhos. Uma bicicleta e com ela uma formidável tempestade! Eu chegava de Lisboa e aí vem o Cete. Toma-me por um braço e pede-me para o acompanhar ao escritório da redacção. Eu não queria fazê-lo naquela maré; que iria depois. Mas ele venceu. Os novos vencem sempre os velhos! Ele venceu e eu fui. Pelo caminho, ia-me dizendo: *Vai ver uma coisa. E' uma coisa. Ela está embrulhada mas vê-se por fora.* Entramos. Olhe ali. Era ela, a bicicleta. Ora como os da redacção já tinham uma, eu disse que eles não podiam ficar com duas, e aqui é que começou verdadeiramente a tempestade.

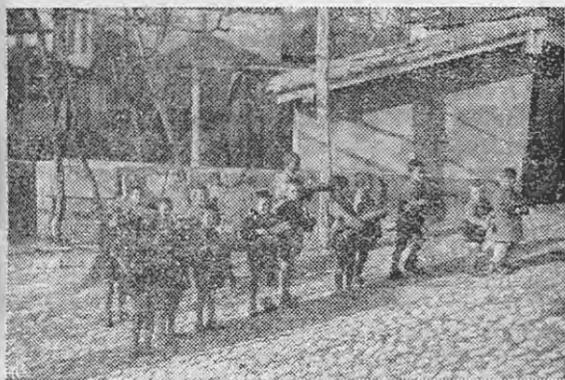
Mais duas latas de azeite pelo caminho de ferro. daquelas coisas que nós retiramos do Depósito periodicamente, isso nem se fala! Claro que não ficamos mais ricos por causa disso, mas enriquecemos quem lá as deixou ficar.

Mais 80 litros de azeite de uma senhora da R. Alexandre Braga. Mais 1.000\$ de Luanda e mais 500\$ de Lisboa por intermédio de Alguém.

E mais nada.



Outro que anda nas bocas do mundo—o Norberto. E' o Norberto, refeiteiro dos "senhores". Ainda ontem fui chamado ao refeitório por causa de uma grande bulha que lá andava. Era o refeiteiro dos "Batatas" a pretender a vassoura com que ele estava varrendo, e o Norberto a dizer que não. Tanta poeira fizeram, que eu deixei tudo como estava e desandei.



Estamos novamente em Paço de Sousa. Mais vistas que fazem bem. Fazem bem à alma.

Lenha que veio das nossas matas, que os maiores fizeram em achas, que estes pequeninos transportam e os cozinheiros, com ela, fazem o nosso caldo. Oh doce laboratório; trabalhamos com o Amor! Mais laboratórios destes. Desta natureza. Os tais, dos tais cientistas, aniquilam a vida. Falta-lhes o Amor!

A QUINZENA

Dois continhos! Dois contos sem fazer conta. Oh delírio dos delírios!

O meu primeiro movimento foi, além do Francisco, entregar à tia, para levar à avó, mais dois irmãos que ele cá tem: o Zé da cozinha, hoje aprendiz de metalúrgico, no Porto, e o Carlos, ainda em Paço de Sousa. Sim. Este foi o primeiro ímpeto. Mas era um ímpeto. Não pode ser. Nós não podemos ser injustos diante da injustiça, nem maus diante da maldade, nem mentirosos diante da mentira. Os dois irmãos ficam.

Agora o que a tia não há de mamar, são os dois contos. Isso não o faz ela, que eu não lhos dou. E até faço mais. Se ela vier outra vez pedir contas, irá dá-las ao Juiz de Meiores. E se o marido dela também vier, vão os dois. E muita saudinha por lá a todos. Quando o rapaz atingir a maior idade, passa um recibo e leva o seu dinheiro. Pronto e arrumou.



Um perfil da vida de trabalho na aldeia de Paço de Sousa. São os alfaiates. O sol entra por largas janelas e estas, dizem para a imensidade. Agora, que ando muito pelos tugurios do Barredo, dá-me pena ver oficinas de sapateiro e alfaiate, instaladas à luz de uma candeia! Nem pode haver arte, nem pode haver gosto, nem pode haver beleza. E ele nasce para todos!



Aqui é Miranda. Aquele fio d'água limpa, humilde e possante, dá de beber à creança. Ela, a creança, também é limpa, humilde e possante. Que força não tem a Creança! Em Miranda, na Casa de Miranda, a água canta numa fonte que temos ao pé da porta da cozinha.

Se eu pudesse falar de mim, muito tinha que dizer das horas ali vividas, a ouvi-la cantar, quando todos os rapazes da obra eram pequeninos. Hoje são grandes...

Oh Mães—rezaí por mim!

O QUE NOS DÃO NO TOJAL

A semente lançada pelos pregoeiros do bem caiu em bom terreno. Germinou, cresceu e vai dando frutos. E é por eles que sabemos da qualidade da árvore.

—A pelintrace da Rua e a miséria do aljube são chagas sociais que só a Sociedade poderá curar se alguma vez o quiser verdadeiramente.

E' nos grato verificar que algo se vai notando neste sentido.

Bradamos ao mundo, mostrando-lhe as tragédias vivas em que topamos. E o mundo ouve. Tem fome e sede de justiça como eles, os pobres, de pão e carinho.

Aí está a razão porque continuam a chegar-nos dádivas generosas, perfumadas tantas vezes com a unção religiosa de quem dá ao próximo por amor de Deus.

* * *

Do Grémio dos Exportadores vieram-nos trinta litros de azeite. No Patriarcado, um donativo de 60 escudos.

Já por diversas vezes nos foi sugerido arranjarmos em Lisboa um local onde com mais facilidade pudessem ir desobrigar-se os nossos amigos da Capital. A todos informamos uma vez mais de que podem depositar no Montepio Geral tudo o que desejarem.

Do liceu «Passos Manuel» chegou-nos a importância da cota de Janeiro referente às turmas B. D. e F. num total de 235\$00.

Iniciativa deles levada a efeito por eles. Nas cartas que mandaram frisaram todos que eram bocadinhos dos seus folguedos que vinham ofertar. Tiraram do que lhes era dado para guloseimas ou distrações. Um bocadinho deles mesmos.

Anda ali alma de apóstolo. Seja quem fôr. A chama alastra. O fogo deve ter partido de alguém.

Do pessoal da C.^a Produtos Lacteos 319 escudos. Mais um embrulho de roupas usadas e uma peça de pano para lençóis.

Caminhamos a passos largos para a resolução de um problema grave: o dos lençóis. Eles não chegaram.

Os nossos, se é certo que antes dormiam nas soleiras das portas em barracas desconfortáveis ou em aquedutos de estrada, agora acostumados ao leito composto em que não faltam os lençóis asseados, já sentem a necessidade deles.

Para evitar barulho dava-se, até chegar, aos mais velhos. Agora fica quase tudo resolvido. Mais uma peça ou duas e a questão desaparecerá por completo.

No Montepio, duas peças de flanela e cem escudos para a tipografia.

Do Porto, um donativo de 450 escudos de alguém que se furta às nossas vistas para que Deus o veja.

De uma família do Alentejo que o ano passado nos trouxe igual presente, um porco. E' o terceiro da raça alentejana que transpõe os umbrais deste outrora sumptuoso palácio da Mitra. Um já foi abatido e está quase consumido; os outros aguardam vez e preparam-se o melhor possível para o «grande dia» mercê de cuidados especiais do *Entroncamento* que para o bom desempenho do seu mister não se cala já sem um ajudante.

Mais dois fatos em muito bom estado e um frasco de doce para gulosos.

Por intermédio de um grande amigo nosso da Vacuum 225 escudos, enviados por uma senhora residente em Africa (Leopoldville).

—Bolos! três embrulhinhos de bolos com destinatário especial.

Estávamos numa reunião da nossa Conferência. O assunto:—os nossos pobres, as suas necessidades, a maneira de lhes fazer bem sobretudo espiritual.

De repente um dos confrades nota que sobre o peitoril da janela estavam os três embrulhinhos e alheando-se do resto, perguntou que era. Alguém elucidou logo. Eram bolos para o nosso cão. Bolos saos, inteirinhos! O rótulo feriu a sensibilidade destes que ainda há pouco falavam de pobres. Não, não pode ser. E protestaram todos. O cão tem sua comida própria. Não haja confusões, senão teremos dentro de casa o desiquilíbrio infamante de tantos pares elegantes que entregam os filhos às criadas para darem ao cãozinho de luxo os carinhos a que os filhos tinham direito. Não pode ser. Não queremos que assim seja. Todos protestaram e eu concordei.

Mais um chapéu e meias e roupas de «um católico do Porto». Mais a oferta de dois livros úteis. Tenho o meu quarto cheio deles. Não os dou aos rapazes porque tenho medo. Não quero envenenar. Hei-de ver primeiro. Há-os aqui que já têm a paixãozinha do livro. E voltam-se, é

claro, para o romance de aventura ou para a historietta misteriosa. Há que orientar.

Mais 54 blusas novas e garridas de alguém que as veio trazer e que ficou triste ao saber que eram já 55 os admitidos. Eu não estava. Ao saber da nova quis ver. Estava tudo guardadinho no fundo duma arca. Tudo não. Uma andava fora. Andava o Presidente com ela todo contente. Eu bem digo que ele anda a querer destronar o Príncipe. A blusa nova ostentava ele todo ufano e a outra que antes trazia passou-a ao Príncipe. Ora vejam.

O número dos visitantes aumentado têm-se explicado muito bem. Falam por mim 2.885\$50 escudos recebidos.

O pessoal do «canto» tende a diminuir. Hoje ninguém quer andar pelos cantos, tudo tem aspirações elevadas. Registamos aqui 1530\$00 escudos de assinaturas.

Tem-nos sido entregues muitos donativos para a Tipografia. E' a grande questão actual. Registamos quatro que se alistaram nos cinco mil e salientamos um que veio com 20\$00. Dizia assim na carta que os acompanhava: «só assim posso dar». Em recebendo o ordenado vai outra migalha!

E outra escrevia: «Estou fazendo um migalheiro para a tipografia que em perfazendo os 100 escudos enviarei.

E' somente com sacrifício e renúncia que todos os dias tenho oportunidade de meter lá no migalheiro uma migalhinha de mim próprio».

A revolução nas almas é obra de Deus que escolhe para isso os instrumentos que quer.

As notas que nos chegam, fruto dum amor desinteressado falam bem alto. Deus é grande e é Providência, nós é que somos pequenos e temos pouca fé.

8—III—1949.

P.^o LUIS

Notícias da Casa do Gaiato de Lisboa

1 O Pai Américo veio novamente a Lisboa para fazer o peditório na igreja de Fátima. Com ele, vieram três «Gaiatos»: o Avelino, «chefe da redacção»; o Inácio, «estudante em Coimbra»; e Eduardo, «também estudante em Coimbra». No domingo, dia 6, por volta das 7 horas da manhã, saíram daqui no Morris. Eu também fui com eles para mostrar aos 3 rapazes o Jardim Zoológico, e mais algumas coisas de Lisboa.

Depois de assistirmos à Missa, começamos por ver o Jardim. E' muito bonito, mas... o cemitério dos cães é que não tem graça nenhuma. Quantos e quantos homens morrem sem eira nem beira?... Por isso, causou-nos tristeza ver sepulturas tão ricas... para cães. Algumas até têm as fotografias estampadas num quadro...

Voltámos à Igreja de Fátima. O peditório nesta igreja rendeu quase 30 contos. E' a primeira igreja de Portugal!

O Pai Américo mais 3 «gaiatos» foram convidados por um senhor do Porto para almoçarem a um hotel.

Eu regressei no nosso «Overland», mais uns poucos que foram vender o *Famoso*.

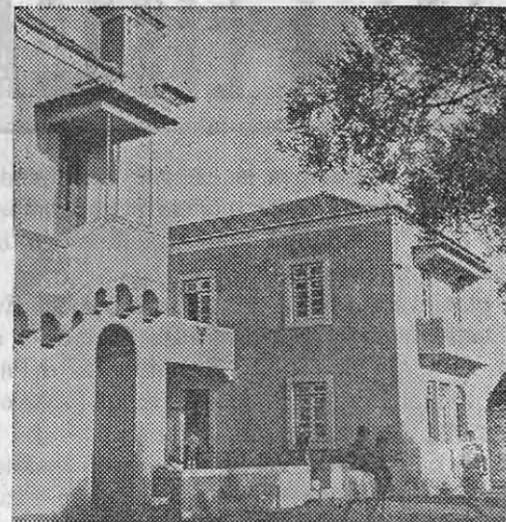
2 Aqui há dias, veio cá um rapaz pedir dinheiro para ir para Vila do Conde. Como já tinha estado, três dias, em Miranda do Corvo, conhecemo-lo logo. Anda fugido da Tutoria. Diz que é da «Casa do Gaiato» e que foi a Setubal ao enterro da mãe; porém, é tudo mentira. E' outro Zé Ferreira que andava a pedir assinaturas... e ficava com o dinheiro...

O que era bom, era apanhá-lo e levá-lo para a Tutoria que é o que ele precisa.

3 Sempre fomos à feira! Compramos uma vaca e uma junta de bois. A vaca custou 5 contos e os bois 7 contos e quinhentos. Digo isto... com todo o gosto... para ver se aparece quem se habilite a ajudar-nos. Não se sabe quem é que nos telefonou a perguntar se já tínhamos vaca, porque nos queria dar outra. Pode mandar... Nós precisamos de mais...

4 Graças a Deus! Regressou o Carlota! «O bom filho à casa torna». Lembra a parábola do Filho pródigo.

Veio um dia destes à noite, muito de noite;



Casa do Gaiato de Miranda. Um aspecto. Das janelas, vê-se a serra da Louzã. E de todo o Império, vê-se este berço, onde a Obra abriu os olhos.

De como eu fui por aí abaixo e tornei por aí acima

Veio o Morris para a estrada. Desta vez assim convinha por ter necessidade de percorrer os lugares dos meus tormentos: Lar do Porto, Lares de Coimbra, Casa de Miranda e do Tojal. Tormentos, digo bem. Mas não me queixo. Como fosse fim de semana e os nossos estudantes de Coimbra tivessem tido notícias da minha presença, fritaram-me dos dois lados e não mais me largaram enquanto lhes não disse que sim. Zé Eduardo e Carlos Inácio, foram ver os macacos e jardim zoológico e eu fui pedir nas igrejas. Nas igrejas de Lisboa. Desta vez calhou ser na de Nossa Senhora de Fátima. Um rôr de dinheiro.

Tirante as missas matutinas, eu tenho medo de dar a comunhão às senhoras, em qualquer igreja, e não dou. Não dou e pronto. Não se pode presumir recta intenção do comungante, por quanto a palavra foi dita para valer sempre: *Ninguém pode servir a dois senhores.*

A ordem promana precisamente daquele que se pretende comungar. E' Ele a falar.

Eu cá tenho para mim que estas pessoasinhas fariam bem melhor, ficando de fora a servir o outro senhor, do que atrancar as nossas igrejas. Quem sabe? Talvez elas, as igrejas, se enchessem de trabalhadores! Assim, é tudo cisco!

De regresso a Paço de Sousa e na passagem por Ilhavo, entrei no cinema e fui ó palco pedir. Pedi. Deram-me perto de 2 contos. Fiquei muito contente; não torno mais a dizer a ninguém que o farol é de Aveiro.

Quando chegamos a casa, passava muito da meia noite. Eu vinha mortinho pela minha camamá, mas quê? Estavam fechadas as portas da casa-mãe! E agora! Agora nada. O Avelino também fôra comigo a Lisboa. Avelino estava ali. Dá um valente murro na vidraça duma janela, escaqueira os vidros, entra, abre-me uma porta e acabou. Aqui em casa não há anjinhos.

eram mais de 23 horas. Como o Filho pródigo... Receava que o não aceitassem... dormiu na quinta... De manhã, esperou que um de nós fosse ter com ele.

O primeiro a vê-lo e a falar-lhe foi o Ernesto, que logo o foi anunciar ao Snr. P.^o Luis. Diz-lhe o nosso jovem assistente:—«Vai-lhe dizer que vá tomar o café e depois que venha cá para falar comigo».—Cumprida esta ordem, entrou o Carlota na «andança» desta colmeia que é a nossa casa, trabalhando no campo ao lado dos companheiros.

Deus o conserve!...

5 O Madeira e o Lapas iam para comprar uma carcaça, quando viram cair uma pulseira do braço duma senhora. Diz logo o Lapas:—«Minha senhora, olhe o que lhe caiu». Então, baixinho, o Madeira exclama:—«Para que disseste? Levavamos a pulseira para casa e o Pedro punha a notícia dela no *Famoso* e a senhora iria lá buscá-la...» Mas o Lapas, forte, embora mais novo, responde:—«O Madeira, tu não vês, que podia a senhora não ler o *Famoso*?... Ficava, assim, sem ela...»

JOÃO PEDRO

Isto é a Casa do Gaiato

OS cicerones. Os nossos cicerones. Só visto! O que eles dizem e como é a quem! A expansão. A originalidade. O seu próprio conceito das pessoas e das coisas. Só visto!

Aqui é o telefone! Era o Risonho. O Risonho, quando chegou à nossa aldeia, trazia tino; pelo que durante a cura e por muito tempo, foi chamado o Manel tinoso. Eu nunca aprovei tal nome. Não achava bem. É verdade que ele tinha tido, sim. Mas agora já não tinha.

Assim o consideraram também os habitantes, e de tinoso passou a risonho. Muito bem. Gosto do nome. Ele também, e dá por ele. Pois o Risonho era o cicerone d'aquela grupo, naquela tarde, e foi justamente a ele que eu ouvi, ao passar, a graciosa explicação:—Chega-se ao pé do aparelho, estende a mão e informa a comitiva. Aqui é o telefone!

Quem era capaz de tanto?! Só estes nossos cicerones! Estiveram aqui há dias dois Prelados e como eu não estava, quiseram um professor. Foi pena! O professor estragou tudo. Eles, os dois Prelados, foram-se embora sem conhecer o que a nossa obra tem de mais belo: Aqui é o telefone!

MAS continuemos. Mais Risonho. Eram férias de Carnaval e a gente aproveitou aqueles dias no plantio de vides. Eu chegava de fora e dirigia-me aos trabalhos. Andavam uns 60 deles. É o Risonho quem ergue a voz com aquele sorriso delicioso e permanente que lhe mereceu o nome que tem: Isto é que é trabalhar! Todos os outros fazem pausa. Aproveitam a ocasião de eu estar, ao falar do Risonho e amainam os trabalhos; fazem pausa. Amanhã arriamos o meio dia, não é verdade? Outra vez o Risonho. É ele quem põe a questão.

Mas isto é uma coisa simplesmente assombrosa!! É o amor ao trabalho que lhes dá o desejo de arriar ao meio dia.

Estavam ali 60. Os professores deram férias. Parece que eles deveriam querer gozã-las.

Mas a nossa organização dá-lhes trabalho e eles não se queixam. Não estranham. Amam o trabalho. E pedem para arriar ao meio dia da terça-feira de entrada! O termo arriar é uma palavra consagrada pelos grandes trabalhadores das grandes empreitadas.

E se eles fossem os internados com obrigação da 4ª classe, e os trabalhos da quinta, confiados a jornalistas? Se fosse aqui como sucede nas obras congeneres, que é da alegria? Que é dos calos? Que é dos homens do futuro? E se as provas estão exuberantemente à vista, não será uma violência às coisas sãs e humanas, continuar com o sistema do internado a viver dos bens de mão morta e a ir agradecer-los aos enterros de quem deixa? Não será isto uma violência à personalidade da criança?

ESTEVE aqui ontem uma Família creio que do Porto. Era domingo. Aos domingos é aqui o fim do mundo!

Um dos filhos, é um gracioso pequeno de 9 anos de idade. Dera em família um concerto de violino e trazia com ele o produto das entradas: uma carapuçada de dinheiro.

Vinham outros irmãos. Subiram todos à sacada do chamado meu escritório. No campo, andava um jogo de bola muito aferroado. O pequenino violinista extrema e delirava. Não lhe caeci palavra sobre o concerto. Não mais me atendeu. A bola! O jogo da bola!!

—Queres cá ficar dois dias?

—Quero sim!

Os irmãos desceram a pedir aos Pais. Que não. Não deixaram.

Como podiam eles tê-lo feito? Quem é que tem forças para a separação de um tal amor—quem?!

A nossa obra seria uma crueldade viva, se não fôra o peso morto da miséria humana. É por causa desta e só por ela, que a Casa do Gaiato é tida e havida.

Eu vivo de lágrimas. Choro a sorte destes rapazes e quizeria ser para cada um deles qual galinha para os pintainhos. Choro a sorte de seus Pais e quizeria que a estes fosse dada a posse e o gozo.

O senhor Homem é a causa impediante destes bens naturais. Por ele; pelo senhor Homem, é que veem os males. Em uma carta dizia-me alguém:—Os católicos são a causa de todos os males do mundo. Está certo, se em lugar

de católicos puzer O Homem. Exemplo: Há dias, um dos meus rapazes fez anos e pediu-me para ir ver a sua mãe. Foi. Regressa triste. Notara-lhe um filho no ventre. Um estranho! O pai deste, é um senhor homem casado com responsabilidades de família. Claro está que não se trata de católicos. Não podem ser católicos. Como fosse domingo o dia em que o meu rapaz visitou a sua mãe, ela torceu o nariz quando ouviu falar em missa: Ela torceu o nariz, e eu fui sózinho ó Bonfim. E o ilustre criminoso, também há-de torcer o nariz a quem lhe falar em tal. Não podem ser católicos. Eu antes queria que em vez de católicos, viesse assim na tal carta: A nossa miséria, meu padre, é a causa de todos os males do mundo. A'quele nossa eu juntaria a minha, o senhor da carta juntaria a dele e viveriamos todos em perfeita compreensão. Telhados de vidro... Mas vamos adiante. Só agora dou fé de que esta página não é para coisas sérias. Adiante.

A CABA de chegar o Cete do correio. Vinha de bicicleta. Trazia no quadro o Armindo. O Armindo fez 4 anos em Janeiro. O Cete, ao sair, encontra o miúdo na avenida, fá-lo sentar ao pé de si e toca a pedalar! No regresso a casa, dá as mesmas voltas!! Tanto à saída como à entrada, todos se deslocam para ver e berrar e pinchar e pintar a manta! E o pior, é que tudo isto se passa nas minhas barbas! Eu que tanto desejaria impor-me pelo respeito devido à disciplina, encontro-me arrastado por esta imensa desordem! Começa a nossa obra a desacreditar-se. Eu peço aqui ós senhores que não digam nada a ninguém, quando não, cairemos na ruína e no descredito totais.

ONTEM abriu-se a porta desta dependência aonde eu faço alguma coisinha e à qual dependência chamam aqui em casa, pomposamente, o escritório de fulano. Era o Botas. Está aqui um rapaz, disse ele. Eu mandei fechar a porta e que se retirasse imediatamente dali para fora; ele e o rapaz. Mais um rapaz! Mais um que procura salvar-se e fá-lo pelos seus meios: Vem sózinho, com a força da sua vontade. Pousei a caneta, fechei os olhos apoiando a cabeça sobre a meza de trabalho e deixei-me ficar tempos esquecidos. Mais um rapaz. Alguém bate novamente de mansinho! Abra, disse eu. Era ele. Era o rapaz. Não se tinha ido embora nem o Botas a isso o obrigara. Eles não despedem nunca o rapaz que se apresenta. Eles todos teem uma só palavra: Deixe-o ficar.

O rapaz planta-se no limiar. Um cheiro pestilento, invade. É a marca de quem não se lava, nem tem roupa para

mudar, nem tem cama para dormir, nem tijela por onde coma, nem que comer na tijela.

Eu olho para ele, de onde me encontrava, e gritei com as mãos arrojadas na cabeça: Olha que nós somos aqui 45 rapazes a mais! Não sei que interpretação deu o rapaz às minhas palavras; não sei. Quando de novo abri os olhos e olho para a porta, não estava lá ninguém! O rapaz fôra-se embora. Vai já por aí abaixo ver se o encontras, disse eu ao Zé d'Arouca, que estava ali ao pé. Corre muito. Nada. Foi a correr, mas não o topou!

Quem são estes que nos veem procurar?

Primeira meditação! Eu não respondo à pergunta. Os homens inteligentes que o façam. É nisto mesmo que consiste a meditação.

E que valemos nós, se não podemos acudir prontamente a esta desgraça social? Outra meditação!

Eu peço desculpa de inserir nesta página galhofeira casos desta natureza. Peço desculpa, sim, mas isto também é a Casa do Gaiato. São as amarguras da Obra. Amarguras desnecessárias porquanto o remédio existe.

Pior seria se estas pequenas legiões não viessem cá ter. Não nos procurassem. Ateimassem em ser uma ruína em vez de um valor. Isso é que seria o verdadeiro problema. Mas esse, resolvem-no eles e nós não queremos resolver o nosso! Outra meditação. Outro ponto de meditação. Este numero, por ser de festa, é um livro d'horas.

Até à data, ainda não apareceu a pessoa que discretamente me pergunte: Padre; de que é que precisa para abrir mais casas?!

Não. Ainda ninguém me perguntou. Também isto é ponto de meditar...

O Avelino tem um craveiro na redacção do jornal. Na falta de vazo, ele arranjou um pequenino caixote que todos os dias põe ao sol, e vai ter cravos. Flores.

O Avelino anda muito interessado com as Pupilas. As Pupilas do Senhor Reitor. Traz o livro na algibeira do casaco e faz da sua leitura recreios deliciosos. O Cete não. O Cete é Cowboys e Polícias e Ladrões, e Guerras e tudo quanto seja tumulto. O Alfredo também, mas o Cete mais. Pelo que temos de andar muito acautelados com os livros que nos mandam e muitos, com grande mágoa dos irrequietos leitores, são queimados. Fornaça com eles!

Eu gosto de variedade. Ai do amarelado se os gostos fossem iguais!

O Cete quer uma pasta. Não é dos dentes. É uma pasta de cabedal para ir buscar e levar o correio. Anda há um rôr de tempo atraz do cró-

nista para ele a pedir mas eu não deixo. Se o Alfredo a pedisse e ela viesse, já sei que tínhamos grande sarilho; um porque a pediu outro porque a mandou pedir, ambos a disputariam. Por muito menos, tem aqui havido sangue em bica. Ora eu estou cansado. Eu estou a ficar gasto.

O Cete tirou um queixal. Encontrava-se no Lar do Porto em serviço de expedição, quando a dor o acometeu. Larga rua abaixo, vai a Santa Catarina, sobe ao nosso dentista e pronto. Já está.

EU adoeci. O primeiro a dar por ela, foi o Abel. O Abel é o meu acolito e como eu não aparecesse à hora do costume, ele concluiu e foi certificar-se. O meu quarto de dormir, é situado em uma das asas da casa mãe longe de tudo e de todos. Não tivesse o rapaz tomado a iniciativa e eu, além de doente, seria um esquecido!

O Abel bate de mansinho, abre e queda no meio do quarto: Ai, na cama! Eu pedi-lhe que visse as horas. O meu relógio estava ao fundo sobre uma cómoda. Abel vai, toma o relógio e coloca-o diante dos meus olhos. Não é assim disse eu. Vê tu e diz-me quantas horas são. O rapaz fixa o mostrador, olha para mim, torna a olhar para o mostrador, torna a olhar para mim e informa: devem ser nove menos dez. Eu disse outra vez que não. Que os relógios são feitos para marcar horas. Que eles se lê o que é e não o que deve ser. Nova pausa. Mais silêncio. Abel não ata nem desata.

Nisto entra o Norberto. O Norberto foi o segundo a dar pela minha falta. Notou-a à hora do café e também ele se foi certificar. Outro. Ai, na cama!

Olha at as horas ó Norberto. O rapaz olha para o relógio olha paramim e exclama com magnífica simplicidade: eu não sei. Muito bem; temos aqui um homem que sabe dizer que não sabe. O Abel não foi capaz. O mundo está cheio de Abeis. Os Norbertos são mui raros. Viva o Norberto! Pois que os quatrocentos fregueses a quem ele despacha quinzenalmente quatrocentos jornais, fiquem sabendo doravante qual a verdadeira esperteza do menino Abel.

A notícia da minha doença correu veloz na aldeia. O Norberto levava-a para a cozinha e na hora em que me veio servir o café, vinha com ele numeroso séquito. Era uma procissão! Dondé se conclue que a doença não é grave; não fiquem os senhores leitores alarmados. Quando eu adoecer seriamente, a primeira coisa a fazer é tirarem-se daqui imediatamente, quando não as procissões matam-me antes que chegue a minha hora. O Norberto trazia um taboleiro e sobre ele uma pequenina toalha e sobre ela uma bilha de leite e um pucaro de café, tudo a ferver. Mais um frasco de assucar e uma tijela de manteiga e pão de Valongo e uma faca e uma colher. Também trazia o Norberto uma chavena especial, que ele, por achar bonita, deliberou há muito tempo fosse minha.

Eis aqui o meu café. Pode ser que outros o tenham melhor, mas ninguém servido com tanto amor! É o lixo transformado.

O Cete, quando da última expedição, foi indicar ó Barros a babilónia onde despacha 150 jornais e regressou imediatamente ao nosso lar. Cete, disse-me ao depois em Paço de Sousa, que assim o fizera por ter o seu serviço muito atrazado. Eu acreditei. Eu gosto de acreditar no que me dizem. Eu queria que o mundo vivesse deste gosto e que o dissessemos uns aos outros. Eu acreditei. Porém, chegaram-me aos ouvidos uns Zuns Zuns que Cete não quis comparecer na venda, por trazer a cara inchada dum dente que tirou e ter vergonha de ir assim.

O Cete é um grande vaidoso. Aqui em casa, pretende trocar por fazenda as calças de cotim, e quando o chamam à pedra, ele tem sempre na ponta da língua uma história da lavadeira.

Tantas vezes o chamo quantas vezes ele ma prega. Mas Cete que se acautele, que eu também lha posso pregar. Ele tem caracois... Desta vez não valem cunhas.

Ora eu vou apurar. Eu vou saber o que há de verdade com a venda dos jornais. Se eu venho a descobrir que Cete, ao sentir uma coisa me disse outra, adeus linda cabeleira...



Ao que já tínhamos veio-se juntar outro. São agora dois Príncipes. O que estava, a princípio, amou, mas hoje dão-se bem. São muito amigos.



O cinema. Hora de cinema na aldeia. Ninguém falta. Alguns, por castigo, «veem» de costas!

As cadeiras são um bocadinho antiquadas, sim, mas duram muito. São de muita dura... Até melhores dias, vamo-nos remediandô assim.

===== O Presidente =====

O «Presidente», como toda a gente sabe, é o Luiz de Celorico. Ele é um dos cicerones qualificados, mas há muito que não exerce, por falta de saúde. «Presidente» tem aguardado o leito, no hospital. Porém, como se vai sentindo melhor, ontem atendeu uns senhores que ali foram de visita. Atendeu e saiu agora mesmo de ao pé de mim, a dar parte. — «Eles era p'ra dar só vinte, mas eu prêguei um sermão e acacei mais sessenta. Olhe-os aqui».

Trazia as notas devidamente separadas. A um lado, a nota de vinte; a voluntária. «Eles era p'ra dar só vinte». A outro lado, enroladas, as três do sermão; «acacei mais sessenta».

Grandes dotes tem este rapaz. Grande poder. De vinte faz sessenta!!

|||| Lêde e propagai ||||
||| "O GAIATO" ||||



Outra vez o Lar do Gaiato de Coimbra. Um grupo de homens e está tudo dito.

CARTAS

Sim cartas. Todos os dias e das mais longinquoas paragens e credos diferentes! O que os homens pensam e sentem e dizem e escrevem do nosso jornal! E o que lhes não fica no coração por dizer! Isso é que é!!

Eu leio e medito e faço desaparecer. Eu rasgo tudo. Nem memórias, nem epitafios. O silêncio. O esquecimento. Que a terra me coma os ossos. Soli Deo honor et gloria.

Ora vamos aqui a uns pequeninos trechos de algumas que chegaram ontem. Estes dizeres ilucidam.

De Lisboa, alguém, em uma carta de quatro folhas: «Como o Gaiato descobre as chagas! A's vezes verruma, ver-ruma, até fazer doer. Estou grato «pelo bálsamo da sua caridade!»

No Norte, um Sacerdote: «Ele bate-nos «e faz-nos sangue a nós, padres, e «cada vez nós o amamos mais!»

Outra vez do Norte, também um sacerdote: «Admiro o jornal. Amemos por «ele a Igreja. Sou filho de gente pobre «e contento-me com os pobres. Peço «me creia, pois, fraternalmente, um «padre da rua, um dos seus, em Cristo «e nos barrados!»

Ainda o Norte a falar. E' um que se diz comunisante: «O jornal é o único no «país que puxa o carro». Para não traír, dou as palavras textuais, com o seu pitoresco e tudo. E' um comunisante. O que tem graça, é dizer precisamente a mesma coisa, ainda que doutra forma, a carta que a seguir abri. E esta é de um grupo de católicos universitários de Lisboa!!

A imediata, naquela hora, é uma carta da comunidade inteira de um colégio. Li. São rapazes a escrever: «A grandeza da «obra deslumbra-nos e faz-nos me-«ditar».

Agora fala Roma: «Saiba que aqui «em Roma, na Universidade de La-«trão, um estudante de direito canó-«nico vai fazer a sua tese sobre a dou-«trina do famoso!»

Isto num dia! O que será de cartas na roda do ano?!

Pois se os homens são tão irmãos, para quê e por quem se batem?! Se todos eles querem interiormente «uma só coisa», e isso vê-te aqui. Se assim é, porque se não juntam?!

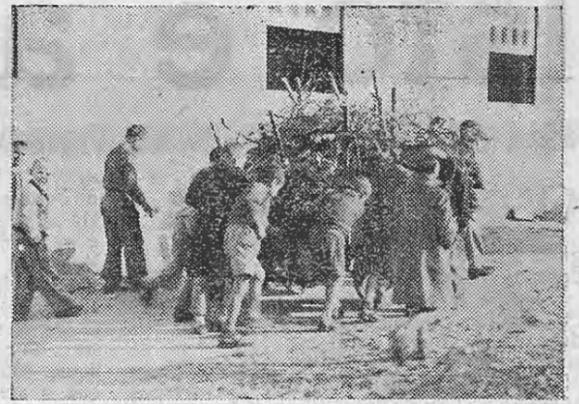
===== P Á S C O A =====

Eu não queria incomodar os incomparáveis leitores, mas a Páscoa é uma palavra tão doce, que, mesmo pedindo para ela, nada perde da sua doçura. Páscoa. A nossa Páscoa!

São as amêndoas. Os de Lisboa, que se lembrem do Tojal. Os de Coimbra, que se lembrem do Cidral. E' na alta, como quem vai para os Olivais. E' o carro da Cumeada. E os do Porto, esses não precisam que se lhes diga nada, de bem informados que andam. Na ocasião, procuraremos no lugar do costume.

Se algum visitante aparecer na ocasião, pode simplificar as coisas, trazendo consigo, em vez de a gente ir procurar. Ora vamos a ver.

Não se pede nem convém qualidade; no caso de amêndoas, para «estes» rapazes, olha-se mais à quantidade. Custam menos dinheiro e é mais adequado. Para todos os casos, vale esta nossa observação. Ora vamos a ver outra vez.



Mais lenha. Esta não é cortada nem é para o fogão; é caída. Lenha caída, que vai para o forno cozer o pão.

O fumo da nossa obra, vem todo destas fogueiras; a do forno e a do fogão. Por isso é fumo, que não fumaça. Por isso mesmo é sinal de um fogo, que vem de muito mais alto: o nosso Deus é fogo!

=====



O Xancaxé. Um dos mais falados na aldeia. E' o beligerante número um. Todos os dias chegam queixas dele à minha presença e ele também as traz dos outros.

O Xancaxé, começou há muitos meses e ainda não largou a missão que tem; manhãzinha, ergue-se e vai levar à sua pobre o leite e o mais que ela precisa. E' um pequenino dispenseiro dos Bens que o nosso Bom Deus nos dá!

Também é cicerone. Um cicerone qualificado. Nada o impede de mostrar. Sobretudo, gosta muito de me mostrar. Eu estava doente, como aqui se diz em outro sítio. Não é nada fácil suportar uma doença, por pequena que seja, em uma organização semelhante à nossa. Prôquê, veja-se:

Era de manhã. Grôssso tropel no corredor que diz para o chamado meu quarto. Quem será?! Os rapazes da escola? Os do campo? Os das oficinas? Quem será?! Nisto, abre-se a porta e eu oiço: «Está aqui». Era o cicerone. O rapaz escancara a porta, arruma-se, e deixa passar. «E' aquele». Um mundo de gente, começa a entrar! Homens. Mulheres. Crianças. Idades e condições. Uma excursão à Casa do Gaiato entraram e rodearam o meu leito. O meu quarto, era um natural desalinho, com uma doença de quatro dias, sem o dedo de mulher. E eles iam entrando, entrando,—os excursionistas! Os que estão dentro, apertam-se para dar lugar aos de fora. E' então que o cicerone levanta a voz solenemente: «Este é que é o senhor padre Américo!» Tinha de ser eu; não estava ali mais ninguém! E agora? Agora nada. Preparar-me para outra e acabou!